

# **TIAGO VEIGA, UMA BIOGRAFIA, DE MÁRIO CLÁUDIO: A MARCHA DO SÉCULO XX OU A MEMÓRIA DO PORTUGAL CONTEMPORÂNEO**

*Cândido Oliveira Martins  
(Universidade Católica Portuguesa)*

## **RESUMO**

O romance de Mário Cláudio, *Tiago Veiga, uma biografia* (2011), é uma longa e modelar biografia, na senda de outras biografias anteriores. Entre outras singularidades, nesta obra destacam-se três formas articuladas de escrita da memória: primeira, a ideia de um consciente e ousado projecto heteronímico, centrado na vida da figura misteriosa de Tiago Veiga; segunda, o relato biográfico construído, além de respeitar os códigos do género, é elaborado através de um vasto tecido de reminiscências intertextuais; terceira, recriando a vida cosmopolita de uma figura desconhecida, nascida em 1900, acaba por transformar-se na singular biografia crítica de Portugal, ao longo de cerca de um século.

**PALAVRAS-CHAVE:** biografia romanceada, memória cultural e literária, romance português contemporâneo.

## **ABSTRACT**

Mário Cláudio's novel, *Tiago Veiga, uma biografia* (2011), is a long and unique biography that follows the path of former biographies. Three distinct forms of memory writing can be detached here among other singularities. Firstly, there is the idea of a challenging and well aware heteronimic process that is focused in the mysterious life of Tiago Veiga. Secondly, there is the biographic portrait that is constructed within the observance of the gender codes and beholds a wide scope of intertextual rememberances. Finally, this becomes a unique crytical biography of Portugal during one century, because it recreates the cosmopolitan life of an unknown character born in 1910.

**KEYWORDS:** Fictious biography, cultural and literary memory, Portuguese contemporary novel.

## 1. MEMÓRIA DE UMA VIDA

“C'est la mémoire qui fait l'homme” – assim começa o estudo de Jean-Yves e Marc Tadié (1999, p. 9), intitulado *Le Sens de la Mémoire*, que aborda os múltiplos mecanismos e tipologias de memória humana e da personalidade. Com efeito, a memória faz um homem; mas também enriquece uma tradição literária; e define a cultura de um país. Assim poderíamos enunciar, desde logo, três grandes dimensões da memória, desde um nível biográfico-pessoal, até ao imaginário colectivo, passando pela tradição literária de uma comunidade (cf. AGUIAR E SILVA, 1986, p. 258 ss.).

Com efeito, sabemos como a cabal compreensão e fruição do sistema literário exigem o conhecimento dessa memória literária. Ao mesmo tempo, também reconhecemos como uma nação expansionista com uma longa história, sobretudo num cenário democrático e com o regresso às velhas fronteiras após o fim do império e o desemprego dos “heróis do mar”, tende naturalmente para narrativas revisionistas, à luz de um imaginário pós-colonial (cf. RIBEIRO; FERREIRA, 2003). Genericamente, a memória do passado, individual ou colectiva, sobretudo nas suas importantes componentes identitárias, está em permanente re-visão, tantas vezes em registo descentrado, crítico e até paródico, sobretudo face a imagens e estereótipos configuradores de determinada mitologia.

Neste brevíssimo enquadramento agora delineado, o recente romance de Mário Cláudio (2011), *Tiago Veiga, uma Biografia*, nas suas longas e cativantes oitocentas páginas, cria no leitor a expectativa de determinada leitura, já que estamos perante uma criação norteada pelos códigos do género. No entanto, a uma visão crítica mais atenta, a obra do escritor português contemporâneo é um monumental romance, ou, mais precisamente, uma biografia romanceada, jogando lúdica e inventivamente entre a fronteira da História e da ficção.

Aliás, esta personalidade de Tiago Veiga – sujeito nascido em 1900 e falecido em 1988 – surge na sequência de uma forte inclinação do escritor para a elaboração de relatos centrados em figuras de fundo histórico-biográfico com destaque as supostas biografias dos artistas da *Trilogia da Mão*, de 1993 (*Amadeu, Guilhermina e Rosa*); ou para as narrativas focadas nos escritores Eça de Queirós (*As Batalhas do Caia*, 1995), Camilo Castelo Branco (*Camilo Broca*, 2006) ou Fernando Pessoa (*Boa Noite, Senhor Soares*, 2008).

No entanto, quando aqui falamos de obras de carácter “biográfico”, abre-se campo a um aprofundado questionamento, quer sobre as problemáticas e porosas fronteiras entre História e ficção; quer entre o privilegiado diálogo entre as várias artes, tão valorizado pela escrita de Mário Cláudio. Estas indagações inerentes à natureza da escrita biográfica de Mário Cláudio são também uma forma superior que interrogar o poder da literatura e da arte, como pesquisado no estudo de Dalva Calvão (2008).

No caso de *Tiago Veiga, uma Biografia*, Mário Cláudio não só investe mais tempo e inventividade, como também gera no leitor a possibilidade hermenêutica de estarmos perante um arquitetado e singular projeto heteronímico, sem grande paralelo na actual literatura portuguesa. De facto, esta obra culmina um percurso iniciado já na década de 80, a partir da notícia da morte de Tiago Veiga, surgida num jornal português pela mão do próprio Mário Cláudio. Dando corpo a esta personalidade invulgar, o escritor portuense apresentou-se em diversas ocasiões como editor de alguns dos textos dispersos de Tiago Veiga: *Sonetos Italianos* (2005); *Gondelim* (2008) e *Do Espelho de Vénus* (2010). De tudo isto, nos são fornecidas abundantes informações no minucioso aparato paratextual de *Tiago Veiga, uma Biografia*. Críticos como Álvaro Manuel Machado (2012, p. 197, 204) preferem falar num “imaginário heteronímico” ou numa “ficção heteronímica”, ao analisarem este original processo criativo do autor.

Pseudónimo, heterónimo ou máscara (*persona*) de Mário Cláudio – dotado de “proteica personalidade”, pois afinal devemos reconhecer “a dupla face da existência de qualquer um de nós, o que fomos, e o que julgamos significar” (CLÁUDIO, 2011, p. 551, 554) –, este “misantropo” Tiago Veiga não só passou a existir, *de jure*, no mundo possível instaurado pela escrita de uma narrativa alicerçada em “vastíssima *memorabilia*” (CLÁUDIO, 2011, p. 15), a culminar a publicação anterior de parte da sua obra literária; como serão doravante destacados os seus pontos de vista críticos sobre Portugal num dado tempo da sua evolução histórica, como veremos adiante. Para tudo isto, é necessária a cooperação interpretativa de um “leitor autêntico”, que não se demita ou aposente da sua insubstituível função (CLÁUDIO, 2011, p. 641).

Com efeito, toda esta criação nos cativa, deleitando-nos neste jogo ficcional entre um *eu* e um *outro*, ou seja, em que um escritor (Mário Cláudio) nos fascina com o retrato de um génio incompreendido (Tiago Veiga, seu duplo), aliás uma relação não isenta de expressivas complicações, mas também de tensões: “Não era porém Tiago Veiga quem ali progredia a custo, mas eu próprio, em busca de uma sílaba, de uma palavra, e de uma linha, de um livro como este que os vermes hão-de comer” (CLÁUDIO, 2011, p. 708). Com ideias e vidas diferentes, mas que se cruzam em variadíssimos pontos, a projecção ficcional de Mário Cláudio neste seu *alter ego* torna-se ainda mais visível em passagens como esta, quando se fala da “dupla face da existência de qualquer um de nós, o que fomos, e o que julgamos significar” CLÁUDIO, 2011, p. 554).

Aliás, estabelecendo óbvias afinidades com o referido paratexto estão também repetidas reflexões metaliterárias, com destaque para as que procuram gerar o mencionado horizonte de expectativas sobre a “verdade” desta biografia, tantas vezes em tom de auto-reflexividade irónica. Com esta opção estrutural pela biografia romanceada, o autor-narrador da biografia evita o “truque dos romancistas que consiste em colocar-se no exterior dos acontecimentos, a fim de os observar com curiosidade possível” (CLÁU-

DIO, 2011, p. 675). História e ficção têm afinal muito em comum, desde logo o afã memorialístico e interpretativo. Afinal de contas, com a crise do sujeito e, concomitantemente, da própria categoria narrativa de personagem, os complicados processos de *figuração do eu* servem-se de múltiplas estratégias, como os da biografia romanceada que esconde indisfarçáveis mecanismos autobiográficos (cf. POZUELO YVANCOS, 2006, p. 31 ss.). É inquestionavelmente uma forma de jogar com os limites da ficção e de assim reinventar o próprio romance, enquanto género anti-canónico e autocrítico, por natureza inacabado e, desse modo, em permanente evolução (cf. BAKHTINE, 1987, p. 444, 467).

Aliás, em múltiplos momentos, a voz narrativa desta obra manifesta uma quase obsessão em estabelecer sincronismos entre os factos da vida do biografado e os acontecimentos históricos coevos. Ao mesmo tempo que vai ancorando existência de Tiago Veiga em múltiplos sucessos mais ou menos históricos, reforça a estratégia de verosimilhança diante dos olhos do leitor – o que é relatado sobre Tiago Veiga deve (tem de) ser tão verdade como os factos e as figuras históricos referidos. Ora, esses factos histórico-referenciais têm assim o efeito de ancorar a biografia de Tiago Veiga, diluindo as fronteiras entre os marcos históricos e os lances da efabulação, num todo narrativo coeso e convincente.

Como já sustentava Benedetto Croce (também ele contactado pelo incansável viajante Tiago Veiga), tendo perdido definitivamente a sua aura de ciência positiva, “a História deverá consistir numa interpretação dos factos nas suas conexões” (CLÁUDIO, 2011, p. 268). Não existindo neutralidade na evocação memorialística do passado, lemos sempre condicionados pelos nossos olhos e a partir do presente. Por outro lado, a fidelidade ao histórico-referencial não garante a revelação da complexidade de uma vida; as pesquisas documentais e a idolatria do factual não desvelam um ser humano, que não se pode confundir com um objecto de estudo distanciado e frio.

Parafraseando vagamente o derradeiro título de Tiago Veiga editado por Mário Cláudio, poderíamos afirmar que um dos vários e prazenteiros desafios desta grandiosa narrativa – quer em dimensão, quer em originalidade, repita-se – reside no repto sobre a natureza especular lançada ao leitor: sendo esta biografia (romanceada) escrita por Mário Cláudio, que conheceu e privou com Tiago Veiga, em que medida os gostos, as reflexões e as afinidades de Tiago Veiga podem (ou não) ser partilhadas pelo seu biógrafo? Não sendo este, seguramente, o grande caminho de leitura da obra em questão, não deixa de constituir uma lúdica provocação do escritor. Aliás, este registo surge na sequência de outras grandes e bem distintas construções heteronímicas, que marcaram a literatura portuguesa moderna e contemporânea, desde a figura de Carlos Fradique Mendes até ao universo de heterónimos criado por Fernando Pessoa.

Escusado será relembrar ainda que, em sucessivas entrevistas dadas a propósito deste seu *Tiago Veiga, uma Biografia*, Mário Cláudio nunca levantou o véu, declarando que Tiago Veiga era uma personalidade inventada, criada como estratagema compositivo para uma extensa e detalhadíssima biografia romanceada. Provocando frequentemente os seus entrevistadores e leitores, no sentido de problematizar a questão da natureza de um relato ficcional com uma postura pós-moderna, Mário Cláudio chega a desafiar os seus leitores para provarem que o seu biografado não existiu...

Por outras palavras, encomendada pelo próprio Tiago Veiga, esta narrativa assume-se como a detalhada memória de uma vida, que, paradoxalmente ou não, se quis reservada e algo afastada da grande cena literária e cultural, sem lhe ser indiferente, como apontaremos. Entre outros traços de uma poética ficcional pós-moderna, a obra de Tiago Veiga ostenta uma manifesta hibridização genológica; bem como a assunção relativista da existência de múltiplas *verdades* e juízos sobre o passado – como se constata a partir do ponto de vista do biografado –, contrariando assim visões cristalizadas, aproveitamentos ideológicos ou perspectivas teleológicas (cf. HUTCHEON, 1999, p. 109-110). Afinal, do ponto de vista gnosiológico, o passado é sempre uma construção narrativa e interpretativa, através de uma memória assumidamente subjectiva.

## 2. MEMÓRIA INTERTEXTUAL

Contudo, o livro de Mário Cláudio não esconde também uma outra dimensão da memória – a de ser um vasto e significativo repositório de uma certa tradição ou memória intertextual. De facto, outro tópico que orienta o horizonte de expectativas do leitor de *Tiago Veiga, uma Biografia* é o continuado jogo de intertextos em que assenta a obra. Tecido intertextual que inclui quer as já referidas obras de Tiago Veiga, editadas por Mário Cláudio; quer outros textos dispersos atribuídos à mesma misteriosa e fugidia personalidade literária; quer ainda, *last, but not least*, um conjunto vastíssimos de citações, referências e alusões a obras de outros autores, portugueses ou estrangeiros, pertencentes à biblioteca mais ou menos afectiva de Tiago Veiga – que ele leu, conheceu ou comentou.

De facto, todo este registo de entrelaçamentos intertextuais de vária ordem preenche o romance de Mário Cláudio. Afinal, aquele “cavaleiro da província” mostrou-se surpreendentemente “conhecedor de tanta gente, e de tanta coisa, e autor de uma obra inédita, tecida em anonimato semelhante ao da que nos legara o enorme Fernando Pessoa” (CLÁUDIO, 2011, p. 602). A referida ideia de um projecto heteronímico tem aqui algumas das suas consequências: todo este manancial de reminiscências de leituras e de contactos, que afinal preencheu uma vida, a de Tiago Veiga, configura uma memória literária não inocente – é ambigualmente atribuída a Tiago Veiga, na pena do seu fiel biógrafo.

Na senda da conhecida teoria literária de Mikhail Bakhtine (cf. 1987, p. 443), poderíamos mesmo avançar que a escrita de Mário Cláudio problematiza com variável dose de surpresa e de humor, e até chega quase a parodiar (estilização paródica), uma certa visão do cânone literário novecentista, *grosso modo* da literatura portuguesa pós-Eça de Queirós, falecido em 1900. À figura tutelar de Eça, junte-se a de Camilo Castelo Branco, pois este inesquecível Tiago Veiga é-nos apresentado como bisneto de Camilo pelo lado paterno, pois é filho do bastardo Inácio Manuel. Com esta irónica sombra fantasmática camiliana, está dado o tom humorístico, às vezes cáustico, de um discurso literário assente numa estilística neo-barroca.

Ora, no capítulo das reflexões mais ou menos digressivas, deparamo-nos com um alargado conjunto de comentários sobre factos e figuras maiores da cena literária e cultural do séc. XX, sobretudo a partir do Portugal republicano. A este nível, sem menosprezar o citado e permanente jogo entre biógrafo e biografado, não devemos esquecer dois aspectos fundamentais: primeiro, esses pronunciamentos devem-se a Tiago Veiga, personagem ficcional, e não a Mário Cláudio, seu historiador e porta-voz; segundo, essa importante ressalva quanto à natureza ficcional dos ditos comentários não invalida, antes propicia, uma ousadia e acutilância de observações muito rara no panorama das letras portuguesas. Enfim, é Tiago Veiga quem diz e pensa o que Mário Cláudio escreve, fruto da sua experiência e conhecimento do mundo e das pessoas com quem conviveu, num contínuo desafio de aproximações e distanciamentos entre criador e criatura.

Deste modo, pela boca e pensamento do vivido Tiago Veiga, assistimos à caracterização abarcante, mas também impiedosa, das letras e da cultura portuguesa, desde os movimentos de vanguarda do início de Novecentos até à actualidade, nas grandezas e misérias de um pequeno meio literário e cultural. Evidentemente, como seria de prever, este procedimento permite que ouçamos comentários inesperados, irónicos ou mesmo corrosivos sobre as mais diversas personalidades da cena literária nacional.

Assim, numa ilustração *en passant*, e nesse contínuo discurso intertextual, comenta-se o “lirismo de uma certa ruralidade” de Guerra Junqueiro (CLÁUDIO, 2011, p. 101); o ímpeto renovador do futurismo de Almada Negreiros; o elegantíssimo Manuel Teixeira Gomes, mentor de Tiago Veiga; e o caso de Florbela Espanca, autora do *Livro de Mágoas* (1919), “tão marcado por Antero e Nobre quanto ignorante dos caminhos da modernidade” (CLÁUDIO, 2011, p. 129), como de T. S. Eliot ou Rainer M. Rilke, entre outros nomes, que, aliás, Tiago Veiga bem conhecia.

Em vários momentos, o leitor é confrontado com as afinidades, mas também com os distanciamentos críticos de Tiago Veiga. Deste modo, censura-se a “água chilra passadista” da poesia de António Botto (CLÁUDIO, 2011, p.138) e o “romantismo rançoso”, perfeitamente esgotado e epigonal de certa escrita; ou a “literatura que cheirava a naftalina” (CLÁUDIO, 2011, p. 200); sem esquecer o “enjoo de bucolismo”, mesmo para quem vivia

“encaixado numa paisagem poética” (CLÁUDIO, 2011, p. 539). E a ousadia de Tiago Veiga em matéria literária vai ainda mais longe, não evitando os pronunciamentos judicativos sobre alguns consagrados contemporâneos:

Declarando-se “nauseado” com o tal neo-helenismo que tinha ainda por campeante em Portugal, e que lhe aparecia ilustrado pela poesia de uma Sophia de Mello Breyner Andersen, “tanta conchinha, tanta alga, tanto Homero da praia da Granja!” ou de um Eugénio Andrade, “ai Delfos, ai efebo, ai Píndaro da Ribeira do Porto!”, proclamou ele o que deseja exprimir sobre os gigantes que visitara. (CLÁUDIO, 2011, p. 551)

Aliás, em matéria estético-literária, a irritação de Tiago Veiga estendia-se às variadas e inócuas polémicas entre estes “‘neo-helénicos’ e os seus epígonos”, os autores imbuídos da cartilha do “realismo socialista” (a chamada “poesia de combate”) e os subversivos surrealistas, seguidores de André Breton (cf. CLÁUDIO, 2011: p. 556-7).

Como seria talvez de esperar, Fernando Pessoa é um dos nomes centrais deste tecido intertextual. Tiago Veiga reconhece a modernidade de Pessoa e de *Orpheu*, nem sempre a par dos rumos inovadores coevos (cf. CLÁUDIO, p. 204 *et passim*, 222). Em diversos momentos, com destaque para a correspondência que Tiago Veiga – amante de Itália e das literaturas de língua inglesa, aliás como o seu autorizado biógrafo – mantém com Mário Cláudio, sobrevém as críticas severas e inesperadas sobre o universo pessoano. A título de exemplo, atente-se apenas nesta brevíssima passagem, que proporciona depois uma das críticas do biografado à excessiva anglomania de Pessoa:

Verbera-lhe a “a excessiva previsibilidade” e tanto na ortonímia como na heteronímia, sobretudo se comparado com os grandes americanos, contemporâneos dele, que aprendera a reverenciar durante a permanência em Nova Iorque. Acusava-o de “exagero na frequência lírica”, de “sentimentalismo disfarçado”, e de “tentação discursivista”. (CLÁUDIO, 2011, p. 493)

Como ilustrado, o discurso narrativo de *Tiago Veiga, uma Biografia* vai sendo entretecido por vários modos ou registos literários (biografia, romance, epistolografia, relação com outras artes, etc.), com destaque para a fortíssima componente narrativa, que é enriquecida pela concorrência da descrição (de cenários, figuras, ambientes, livros, etc.), bem como de reflexões sobre os tópicos mais variados, tudo em função da personagem de Tiago Veiga.

Por outras palavras, mais do que a narração, são sobretudo a descrição e a reflexão que se mostram geradoras de uma atmosfera de cunho proustiano – o perfil ou personalidade do protagonista e o ambiente de uma época revelam-se sobretudo pela acumulação de pormenores (objectos, ditos, lugares, etc.), aparentemente insignificantes. Tudo concorre para

a configuração da narrativa biográfica como um majestoso e lento *roman-fleuve*, onde vamos acompanhando a natural e paulatina evolução de um ser humano em toda a sua complexidade e contradições, feitas de rasgos de criatividade e de lucidez, mas também de futilidades e de mesquinhices. Enfim, um perfil completo – “retrato de corpo inteiro” (CLÁUDIO, 2011, p. 12) – que dá vida a alguém que desconhecíamos e que passa, a partir de agora, a constituir uma referência obrigatória para olhar o séc. XX português. E nesse retrato desempenham uma funcionalidade axial as suas leituras e opções em matéria estético-literária.

### 3. MEMÓRIA DE UMA CULTURA

Ora, como sugerido antes, os dois aspectos antes referidos ganham outra pertinência quando enquadrados num horizonte de reflexão bem mais amplo – o relato sobre a vida de Tiago Veiga proporciona uma curiosíssima e riquíssima viagem memorialística sobre quase um século do Portugal contemporâneo. Por outras palavras, a meticulosa reconstrução biográfica de Mário Cláudio sobre Tiago Veiga acaba por transformar-se num gigantesco fresco, quase uma narrativa fílmica, sobre o Portugal de Novecentos.

Neste enquadramento, e ainda antes de comentarmos ilustradamente esse longo tecido de memórias, atentemos em alguns dos aspectos mais relevantes. Desde logo, merece realce o cronótopo escolhido – a narrativa biográfica tem como epicentro a retirada, e depois decadente, Casa dos Anjos, na aldeia de Venade, Paredes de Coura, em pleno Alto Minho. É justamente neste espaço de província, bem no Norte de Portugal, que Tiago Veiga vive grande parte da sua vida, não sendo desprovido de significados este *espírito do lugar*, como facilmente se comprova. Cremos que se pode generalizar ser a geografia literária de Mário Cláudio bastante centrada no Norte, gerando mesmo uma certa mitologia, na medida em que capta as raízes e os matizes dessa atmosfera ímpar, tendo o Porto como seu recorrente epicentro.

Um segundo tópico correlacionado é o das múltiplas viagens e o seu significado. Que a generalidade dessas viagens, quer em Portugal, quer sobretudo para vários países estrangeiros, possui um carácter iniciático, próprio de um romance de aprendizagem ou de formação (*Bildungsroman*), parece-nos inquestionável. Em todo o caso, certamente influenciado por múltiplas viagens e contactos, leituras e experiências, Tiago Veiga não deixa de ser um provinciano cosmopolita.

Esta constatação, porém, não põe em causa a singularidade desta figura; mas, ao mesmo tempo, levanta uma questão central da cultura portuguesa – pode o contacto com o estrangeiro vencer um atraso congénito, sobretudo a partir da modernidade iluminista? A sucessiva resposta, dada nomeadamente por escritores a partir de Oitocentos, é de que não – de Almeida Garrett a Eça de Queirós, de Fernando Pessoa a Mário Cláudio, a relação dos portugueses com outras culturas não altera significativamente o lento e nem sempre original desenvolvimento da cultura portuguesa.

Como sugerido, estamos perante uma “biografia de Portugal”, através da panorâmica pintura da marcha de um século da sua história contemporânea. Isto é, pela sua amplitude cronológica (1900 – 1988) e sobretudo pelas reflexões entremeadas ao longo do discurso narrativo, afigura-se-nos como o balanço crítico de um século português pelo viés da escrita ficcional, ou seja, um majestoso fresco sobre Portugal nas suas singularidades e fraquezas atávicas, nas suas auto-imagens estereotipadas (providencialismo, saudade, fado, Fátima, etc.). Estamos assim perante um Portugal visto ao espelho de um espírito superior. E por que não pode o “balanço da existência” de um homem constituir um símile do balanço ou juízo crítico de uma época e, em particular, de um “retrato de Portugal” (CLÁUDIO, 2011, p. 411 e 413), por vezes numa tonalidade amarga e até de *requiem*?

Marginalmente, observe-se que não é inocente a utilização do termo pictórico “fresco”, sobretudo dada a verdadeira paixão que Tiago Veiga demonstra pela pintura clássica e moderna – Da Vinci, Rembrandt, Velásquez, Dürer, Turner, Van Gogh, Matisse, Picasso, entre outros –, não faltando sequer diversas sequências de natureza ecrástica. Aliás, também a esposa do biografado Tiago Veiga dá provas de uma vocação artística para a pintura.

“Confinado ao seu canto no Noroeste do Portugal” ou viajando pelo estrangeiro, vemos Portugal e mundo através do olhar e das experiências do “nosso biografado”. Afinal, “a narração do percurso do nosso poeta” não pode desenraizar-se da realidade em que ele viveu (CLÁUDIO, 2011, p. 142). A viagem por uma vida mostra-se indissociável de múltiplas viagens mentais, digressões indispensáveis à completude do seu retrato – gostos, leituras, contactos, viagens, obsessões, afeições, indiferenças, etc. Afinal de contas, da infância rural às deambulações cosmopolitas – deste português das “sete partidas do mundo”, marcado irremediavelmente pela “idiosincrasia de português rural” (CLÁUDIO, 2011, p. 243, 282) –, uma biografia como esta é constituída por uma narrativa assaz preenchida, uma memória grávida de “um percurso muito maior, afectos e viagens, planos e opções, acasos e desaires”. Enfim, “cosmopolitismo de provinciano”, é certo, mas pelo menos de alguém com desejo de “arejar as suas vistas, inquinadas pelo «sarro português»” (CLÁUDIO, 2011, p. 167, 582).

Por outras palavras, esta biografia romanceada é um modo de *pensar Portugal* – como na famosa tese de Eduardo Lourenço (cf. 1982, p. 85 ss.), em “Da literatura como interpretação de Portugal” –, inserindo-se assim, de pleno direito, num riquíssimo filão temático da literatura portuguesa, ainda que a partir de uma certa ruralidade a que o protagonista está intimamente ligado. As múltiplas viagens de Tiago Veiga para fora de Portugal constituem outros tantos momentos para reflectir, em contraponto, sobre o que ia acontecendo pelo mundo e em Portugal. Talvez a realidade de Portugal se veja melhor a partir de fora, como salienta um dos interlocutores do biografado, Francisco Smith, evocando-se então um discurso tributário do sentimento de *finis patriae*, oriundo da desalentada geração de fim de século:

Portugal não tem cura, pode crer. Aquilo é um des-  
conchavo de mediocridade, de impotência, de inveja,  
sei lá eu!, um país rebaixado a lamber as botas dos ou-  
tros, e a apanhar no acto de o fazer pontapés no nariz.  
Já notou como nos pomos a jeito, ansiosos de que pelo  
menos dessa maneira compreendam que existimos?”  
(CLÁUDIO, 2011, p. 172).

Por conseguinte, a vida e o itinerário de Tiago Veiga espelham necessariamente uma imagem (ou conjunto de imagens) de Portugal. Esta orientação de leitura é reforçada por algumas considerações digressivas, desde logo as reflexões paratextuais do biógrafo, quando considera Tiago Veiga, nascido e refugiado numa remota aldeia de Paredes de Coura, “um caso” no panorama intelectual português, cujo “apagamento” o torna ainda mais exemplar de um certo modo de ser português:

certa mística eclética, num determinado ruralismo  
*après la lettre*, e numa opção pela mais insólita, e por  
vezes kitsch, imagem da portugalidade, se destacaria  
a sua inovação, e a sua vontade de através do silêncio,  
e do incógnito, espantar as hordas dos pedantes, dos  
retrógrados, e dos filistinos (CLÁUDIO, 2011, p. 13).

Curiosamente, as raízes nortenhas de Tiago Veiga na Casa dos Anjos – aldeia de Venade, Paredes de Coura, em pleno coração do Alto Minho, no “Norte profundo”, tradicionalmente foco de intensa emigração –, mais do que retiro campestre do viajando poeta (não necessariamente a forma de reactualização do velho tópico da *pax ruris*), torrão natal de onde ele vê o mundo a partir do seu “casarão minhoto” –, impõem uma interpretação simbólica e cultural, na senda de fecundas leituras críticas sobre “escrever a casa portuguesa” (cf. SILVEIRA, 1999; e RIBEIRO; FERREIRA, 2003, p. 127-149). Afinal, como uma “nau das Índias”, uma casa é o lugar de onde saímos e onde regressamos, no plano da viagem como no da vida (CLÁUDIO, 2011, p. 451). Com efeito, o Norte do país em especial mostra-se particularmente rico na gestação de obras e de figuras sintomáticas de uma relação simbólica com o destino de Portugal: desde o queirosiano Jacinto de Tormes, em *A Cidade e as Serras*, até à narrativa fantástica de Ruben A. em *A Torre de Barbela*, passando por autores tão diversos como Aquilino Ribeiro (*A Casa Grande de Romarigães*), Tomaz de Figueiredo ou Agustina Bessa-Luís. Enfim, através de casas simbólicas e até fantasmáticas, repensa-se Portugal e o seu multissecular devir histórico. A partir sobretudo de Garrett, a literatura portuguesa singulariza-se por uma obsessiva interrogação ontológica – “descobrir *quem somos e o que somos como portugueses*” (LOURENÇO, 1982, p. 90, grifo do autor).

Como já adiantado, não é inocente a data *a quo* de demarcação desta existência – ano de 1900, precisamente a data de falecimento de uma das figuras tutelares do cânone literário português, Eça de Queirós, um dos autores das afinidades electivas do próprio Mário Cláudio. Ou seja, estamos diante do panorama da cultura literária “depois de Eça”, num longo arco

temporal que se estende até à contemporaneidade, mais concretamente até 1988, isto é, desde o Portugal herdeiro de Oitocentos, conservador e clerical, dominado por uma monarquia agonizante, até ao recente pós-25 de Abril de 1974, com a entrada na CEE (Comunidade Económica Europeia) em meados da década de 1980 (cf. CLÁUDIO, 2011, p. 545, 595), em sucessivos e caracterizados quadros evolutivos, com destaque para o prolongado e contaminador “ranço do salazarismo” (CLÁUDIO, 2011, p. 526-7).

Deste modo, tal como os leitores da sua biografia, Tiago Veiga vai assistindo ao desenrolar de eventos consecutivos, seja um facto da vida política ou social, seja um acontecimento do meio artístico-literário, a começar pelo modernismo de *Orpheu* e pela estética presencista. Sobressaem sobretudo duas ideias recorrentes: primeira, a do “desacerto” ou atraso congénito de Portugal face ao progresso do mundo civilizado – sob a forma de “atraso mental”, “défice de internacionalismo” ou “ineficiência atávica” (cf. CLÁUDIO, 2011, p. 77, 157); segunda, a da pequenez de Portugal e do seu meio social e cultural, por isso mesmo com tendência para a tacanhice e para a calúnia, para a mesquinhez e para inveja (cf. CLÁUDIO, 2011, p. 120, 214, 597-8).

Todas estas manifestações da “pequenez lusíada” desencadeiam no biografado um agudo espírito crítico, uma tendência de ensimesmamento e até um “grande tédio”. E sobretudo um certo desejo de reclusão e de isolamento misantropo, que se estendia à própria obra literária, mostrando um autor “Divorciado de todo o apetite de publicação dos textos que acumulara” (CLÁUDIO, 2011, p. 196, 528). Assolado por uma “ânsia de desistência”, Tiago Veiga era “alguém que nunca definitivamente assume o estatuto de poeta”, mesmo quando recorria ao jogo do pseudónimo (Rodrigo de Matos). No fim de contas, em farpa parodística bem reconhecível, Tiago Veiga tinha muito pouca paciência para o “pátio das cantigas de Portugal” (CLÁUDIO, 2011, p. 535, 536), fórmula que aplicava para ridicularizar o meio literário português.

Nem o esforço de alguns artistas lusos estrangeirados, em Paris, por exemplo – que “procuravam harmonizar os seus passos com os da Europa” – salvam o desfasamento congénito entre Portugal e a Europa, já que permanecia um país preso a um indisfarçável e provinciano complexo de inferioridade: “Portugal é assim, apagadinho por tradição, e se lhe fazem uma festa no estrangeiro, considerando-o a província mais plebeia da Espanha, abana a cauda, e lambe a mão de quem o afaga, mas à espera da bordoadada que vier a seguir” (CLÁUDIO, 2011, p.174). Instalado no seu Minho natal, hospedado em Lisboa ou a “navegar pelo mundo” – pela Inglaterra ou pelos EUA, mas especialmente pela sua idolatrada Itália –, a tudo “o nosso poeta” Tiago Veiga assiste, na sua grande curiosidade e vagabundagem cultural, como um filme animado que passa diante dos seus olhos (e do leitor).

\* \* \*

Concluindo esta breve proposta de leitura crítica de uma dimensão relevante do livro *Tiago Veiga, uma Biografia*, de Mário Cláudio, impõe-se reiterar algumas notas breves, sobre as três formas articuladas de memória (pessoal, intertextual e colectiva): em primeiro lugar, estamos perante a obra de um escritor há muito amadurecido, estilística e esteticamente, que aqui se abalança a um inovador projecto heteronímico, com traços de singular autobiografia, em que o próprio Mário Cláudio se joga e se esconde na elaboração do itinerário de vida do “excêntrico” Tiago Veiga.

Ao mesmo tempo, constituindo um decisivo contributo para a renovação do género romanesco, esta longa criação biográfico-ficcional está permeada de um laborioso e lúdico tecido intertextual. Esta dimensão põe naturalmente à prova a competência literária do leitor, sendo o prazer resultante da leitura proporcional à enciclopédia possuída. Além disso, o conjunto das referências intertextuais apresenta uma indiscutível função caracterizadora do protagonista do relato; ao mesmo tempo que patenteia uma inédita e desestabilizadora re-visão do cânone literário novecentista.

Finalmente, os dois traços apontados sobre a biografia romançada de Mário Cláudio culminam na construção de uma narrativa quase cinematográfica ou documental sobre cerca de três quartos de século de cultura e literatura portuguesas. Por outras palavras, a escrita da biografia de Tiago Veiga institui-se em verosímil pretexto para traçar um prolongado retrato de Portugal contemporâneo, através de múltiplas referências sobre os meandros culturais, a sucessão de estéticas e, em última análise, sobre as grandezas e misérias do meio literário e cultural português. Em suma, no seu afã cronístico e testemunhal, a detida narrativa de uma vida, ao longo de quase um século, espelha a memória recente de uma nação – uma nação fastasmaticamente pós-imperial e inexoravelmente periférica, face ao centro da Europa e aos polos geoestratégicos e culturais do mundo (cf. RIBEIRO, 2004, p. 27 ss.).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da Literatura*. 7. ed. Coimbra: Almedina, 1986.

BAKHTINE, Mikhaïl. *Esthétique et théorie du roman*. Paris: Gallimard (Coll. Tel), 1987.

CALVÃO, Dalva. *Narrativas biográficas e outras artes*. Niterói: EDUFF, 2008.

CLÁUDIO, Mário. *Tiago Veiga, uma biografia*. Lisboa: Dom Quixote, 2011.

\_\_\_\_\_. *Tiago Veiga, uma biografia: é uma homenagem aos grandes leitores*. Entrevista conduzida por José Cândido de Oliveira Martins. *As Artes entre as Letras*. Porto, n. 60, p. I-VI, 12 Outubro de 2011.

HUTCHEON, Linda. *A Poetics of Postmodernism: history, theory, fiction*. New York and London: Routledge, 1991.

LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade* (Psicanálise mítica do povo português). 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982.

MACHADO, Álvaro Manuel. *Tiago Veiga – uma biografia*, de Mário Cláudio: imaginário heteronímico e espírito do lugar. *Colóquio-Letras*, nº 179, p. 197-204, Janeiro/Abril de 2012.

POZUELO YVANCOS, José María. *De la Autobiografía (Teoría y estilos)*. Madrid: Editorial Crítica.

RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma História de Regressos (Império, Guerra Colonial e Pós-colonialismo)*. Lisboa: Afrontamento, 2004.

RIBEIRO, Margarida Calafate & FERREIRA, Ana Paula (org.), *Fantasmas e Fantasias Imperiais no Imaginário Português Contemporâneo*. Porto: Campo das Letras, 2003.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da (org.). *Escrever a Casa Portuguesa*. Belo Horizonte: EdUFMG, 1999.

TADIÉ, Jean-Yves; TADIÉ, Marc. *Le Sens de Mémoire*. Paris: Gallimard, 1999.

*Recebido para publicação em 29/04/2013*

*Aprovado em 22/07/2013*